

## INTRODUÇÃO

---

«Celui qui regarde au dehors à travers une fenêtre ouverte ne voit jamais autant de choses que celui qui regarde une fenêtre fermée. Il n'est pas d'objet plus profond, plus mystérieux, plus fécond, plus ténébreux, plus éblouissant qu'une fenêtre éclairée d'une chandelle. Ce qu'on peut voir au soleil est toujours moins intéressant que ce qui se passe derrière une vitre»  
(Charles Baudelaire, 2002).



No âmbito desta dissertação pareceu-nos relevante propor uma (re)leitura de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* de Joanne K. Rowling (1999 [Edição Original: (1997). *Harry Potter and the Philosopher's Stone*] e de *A Ilha Do Chifre de Ouro* de Álvaro Magalhães (2004 [1ª ed. 1998]). Por que razão recai a nossa escolha, em primeiro lugar em *Harry Potter e a Pedra filosofal*, sendo esta obra do domínio da literatura inglesa? E, em segundo lugar sobre *A Ilha do Chifre de Ouro*?

No respeitante à série *Harry Potter*, a resposta nada tem de complexo: como toda a gente, um dia questionamo-nos acerca do porquê de um tão grande sucesso e quisemos formar uma opinião. Relativamente à *A Ilha Do Chifre de Ouro*, depois de nos depararmos, por acaso com a obra e de a termos lido, questionamo-nos sobre a questão bestelleriana de uma e o quase desconhecimento da segunda por parte da nossa comunidade leitora, essencialmente, juvenil.

Pensamos ser relevante afirmar, desde já, que ambas se inscrevem numa linha muito semelhante. *Harry Potter e a Pedra filosofal* e *A Ilha Do Chifre de Ouro* revalorizam questões mítico-simbólicas; prendem-se ao encanto da narração de uma história vivida entre dois espaços antagónicos, mas indiscutivelmente próximos; comprometem-se como duas obras de valor literário ou paraliterário<sup>1</sup> cuja fruição está absolutamente assegurada pelos seus valores estético-literários e ambas são detentoras de uma enorme riqueza do ponto de vista do imaginário (a nosso ver mais ainda *A Ilha Do Chifre de Ouro*).

*Harry Potter e a Pedra Filosofal*, onde o trabalho da proximidade (provocado pelo emprego de uma linguagem particular e estranha aos livros tradicionais para os jovens do início deste século), surpreendeu pela sua matéria global, pelo seu dinamismo e pelo seu conteúdo. É bem verdade que o mesmo se reporta à obra de Álvaro Magalhães e que em ambas as obras nada escapa à compreensão do leitor infanto-juvenil, pois as histórias desenrolam-se num mundo do domínio das suas percepções.

Pensamos que este trabalho de criação é a prova de um conhecimento das narrativas clássicas europeias e de uma investigação sobre as mitologias essencialmente da Antiguidade Clássica e os símbolos do imaginário. É igualmente verdade que o resultado só poderia ter sido deste nível literário, pois ambos os autores, na busca de uma reaproximação mítico-simbólica, criaram duas obras maravilhosas, onde os valores da ancestralidade, que desde sempre encantaram os mais novos, apelaram ao génio da lâmpada que magicamente restabeleceu como certa a adopção do livro infanto-juvenil como meio de entretenimento, fruição e lazer.

*Harry Potter e a Pedra Filosofal* foi, assim, para os nossos jovens leitores, o portal mágico que lhes facultou o acesso a todas as referências do para-além e do contrafactual, que fizeram parte da sua cultura infantil – recheada de mours encantadas, bruxos maus, fadas madrinhas e fadas de luz, anões, e outros

---

1 Esta questão será retomada no capítulo I da primeira parte da dissertação.

tantos seres – e que eles escutaram, tantas vezes, maravilhados, no colo do avô ou no momento do beijo de boa noite. (Silva, 2002: 21-23).

*A Ilha Do Chifre de Ouro*, para os sujeitos-leitores que em 1998 e nos anos seguintes se embrenharam na sua leitura, também foi uma obra de reminiscências, portadora de uma riqueza linguística e semântica única e de um simbolismo marcante, mas que foi ficando apenas nas mãos de leitores mais atentos. Aqueles que, sem dúvida, reconhecem, neste género de narrativas, os alicerces de uma cultura a desenvolver, pois ao homem sempre importaram questões ligadas às suas origens, das quais surgiram os mais belos relatos míticos ou as mais histórias de encantar.

O nosso trabalho tem por principal objectivo mostrar como o imaginário, através do uso de uma mitocrítica (perfeitamente aplicável ao estudo da literatura universal para adultos), pode ser aplicado à literatura infanto-juvenil. É nossa intenção mostrar como *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *A Ilha Do Chifre de Ouro*, mesmo se realizadas para os mais jovens, são narrativas que também podem ser analisadas sob essa perspectiva, pois apelam a realidades semiótico-discursivas e imagéticas perfeitamente adaptáveis à faixa etária compreendida entre os dez e catorze anos. Assim, ter-se-á em atenção a representação intertextual de uma hermenêutica dos símbolos e das imagens emergentes na compreensão do aparelho de estudo da mitocrítica<sup>2</sup>.

As razões que nos guiam nesta pedagogia de uma literacia do imaginário - que procuramos transformar numa expressão colectiva - são várias, e é por isso que vamos tentar dar uma outra voz a estas narrativas que fazem apelo ao dinamismo simbólico das imagens. Por isso, aqui estamos nós, propondo-nos, tais criança irrequietas e curiosas, a entrar no mundo da aventura para que os leitores interessados possam, ao ler esta dissertação, também dar voz a uma outra forma de contar história já contadas, como a de Álvaro Magalhães ou de J. K. Rowling, onde a emergência da adopção do espaço *outrificado*, se faz sentir pela participação das demais personagens na reafirmação dos seus valores e das suas demandas.

No domínio do imaginário, a literatura, como outras formas artísticas, acorda uma importância substancial ao espaço, enquanto entidade de várias metamorfoses, cujas leitura/interpretação permitem, quantas vezes, a emergência de grandes mitos e arquétipos que participam na história do texto literário, tornando possível a compreensão dos domínios da consciência humana. Em ambas as obras, deveremos, deste modo, reportarmo-nos à representação literária e simbólica do espaço no percurso iniciático dos heróis em aprendizagem.

Assim, enquanto responsável de todo um mecanismo de abertura às múltiplas leituras em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *A Ilha Do Chifre de Ouro*, o espaço deverá ser entendido como a força motriz da sua própria transformação, bem como de toda a emergência de uma complexidade simbólica das imagens realizadas. A partir da teoria de Greimas (1995) sobre a espacialidade,

---

2 A mitocrítica tendo por objectivo principal o de se concentrar sobre o conteúdo narrativo do texto literário e descobrir as conexões possíveis – na essência da sua diegese – da aparição das imagens míticas ou de uma teia relativa a essas imagens, que permitam descobrir «[la] parenté de tout texte littéraire – oral ou écrit – avec le mythe» (Durand, 1996a: 198), será devidamente explicada na segunda parte da dissertação.

tentar-se-á mostrar, já numa segunda parte (no primeiro capítulo da Segunda Parte) como o dinamismo do espaço pode permitir uma leitura antropológica do mito do Herói arcaico, bem como do tema da viagem, representados na dialéctica de duas realidades espaciais.

A inserção num outro mundo, mas paralelo ao nosso, reforçará a ideia de um efectivo núcleo organizativo que agrupa, numa mesma linha simbólica, a intercepção dos espaços e que deverá ser entendido numa dinâmica de desdobramento para a confirmação da identidade dos heróis. Tal reportar-nos-á, pela constatação de espaços antagónicos (no segundo capítulo da segunda Parte), à noção do rito iniciático e ao consequente tema da aventura do Eu na revalorização simbólica dos mitos da Demanda e das Origens.

Pretender-se-á ainda, a partir dos espaços analisados, revelar a sua significação nas relações de interconexão com as diferentes sensações, especificando-as pelos sentidos da visão, da audição, do gustativo e do tacto, bem como do paladar. Os espaços, assim transformados pelas ocorrências das personagens, serão praticamente obrigados a estimular as suas significações simbólicas, dando, simultaneamente, voz a imagens, arquétipos ou imagens arquetípicas. Apresentar-se-á, assim, a construção de um outro espaço entendido como sensorial, balizado entre as noções do sinestésico e do cenestésico, realizado na perspectiva do mítico-simbólico.

Neste terceiro capítulo da segunda parte, procuraremos, ainda, apresentar o cumprimento de uma hermenêutica dos sentidos e das imagens numa reaproximação dos mitos da Idade de Ouro e do Paraíso.

A análise a empreender deverá ter em conta as complementares perspectivas de estudo dos teóricos Carl-Gustav Jung, Mircea Eliade, Gaston Bachelard, Gilbert Durand, Jean Burgos, Merleau-Ponty, Simone Vierne e Filipe Alberto Araújo para a compreensão de espaços possíveis e as suas próprias transformações nas realizações do Eu iniciático.

Contudo, antes de partirmos à aventura, embarcados no comboio das imagens e dos símbolos, é nosso propósito expor, no primeiro capítulo da primeira parte da dissertação, as nossas reflexões sobre a problemática da definição de uma literatura infanto-juvenil. Serão abordadas temáticas relativas à intertextualidade na valorização da pluri-isotopia para o verdadeiro sentido de uma hermenêutica do imaginário; a literatura infanto-juvenil como literatura «anexada»; a polémica relação da literatura de massas e do cânone literário (a luz da teoria dos polissistemas literários).

Serão ainda tidos em conta aspectos como a participação do sujeito-leitor, enquanto sujeito cognoscente, bem como a modelização dos *realia*. Abordar-se-ão ainda as competências literária e enciclopédica do sujeito-leitor no desenvolvimento de uma literacia do imaginário, bem como a importância de uma literatura infanto-juvenil, em contexto familiar ou escolar no contributo de uma literacia do imaginário, enquanto ciência valorativa do livro/texto literário como objecto estético de revalorização mítico-simbólica e de tomadas de consciência.

Será igualmente nossa intenção e porque tal se afigura necessário, no segundo capítulo da primeira parte, revelar a importância da evolução hermenêutica da linguagem e da hermenêutica simbólica para a atestação de uma hermenêutica contemporânea. Para tal será necessário considerarmos o contributo do «Círculo de Eranos» e dos “Centros de Pesquisa” numa nova concepção do Imaginário, bem como referir algumas perspectivas de estudo sobre o imaginário e a sua revisão da literatura.

Através desta colaboração horizontal, parece-nos que deixamos, aqui, um pouco da força e das razões que nos guiam nesta militância a favor da compreensão de uma hermenêutica do imaginário. Convidamos a todos a participarem cada vez mais desta outra forma de ler, sentir e contar.

Certo é que esta literatura infanto-juvenil do século XXI e finais do século XX (por causa do sucesso de *Harry Potter* junto do leitor infanto-juvenil) tem vindo a manifestar-se de forma significativa, numa readopção do mistério e da linguagem mágica da ancestralidade mítica, que parece estar cada vez mais a ganhar expressão sobre o nosso mundo. Saibamos, pois, colaborar nas leituras dos nossos jovens sem cairmos em actos beligerantes contra o imaginário que também é literário.

*Harry Potter* chegou às crianças de todo o mundo e conquistou-as. O resultado está à vista e a ansiedade na espera do sétimo livro não nos deixa mentir. Convenhamos que Harry Potter é especial, tal como Rui e Ana o são em *A Ilha do Chifre de Ouro*. Eles não são, de modo algum, aqueles heróis pavoneados que nada temem e que foram “feitos” por medida. Harry foi-nos apresentado, no primeiro livro da saga, como uma personagem em absoluto crescimento biológico, como um menino com medos (que tremeu debaixo do chapéu seleccionador); com problemas de sociabilização; com dúvidas; com virtudes e defeitos e que até sabia mentir e desobedecer. Ou seja, uma personagem com características como os nossos meninos de hoje e que, como tal, foi crescendo e, agora, é um adolescente, de dezasseis anos, frenético e buliçoso, apanhado pelo rebate da primeira paixão.

Rui, foi-nos apresentado desde 1998, como um jovem rapaz, bem moderno e despachado, cheio de vida e na expectativa de novas aventuras que, num determinado momento, se viu confrontado com uma outra realidade que não a dele e para a qual não estava preparado. Apaixonado por Ana, uma rapariga aparentemente “normal”, mas considerada como uma princesa e uma fada do «outro lado» da cidade do Porto (na «Ilha do Chifre de Ouro»), ao longo da narrativa, Rui leva a cabo a maior aventura da sua vida e cresce em conhecimentos, atitudes e valores.

A partir dos estudos de Jung, Gilbert Durand, Mircea Eliade, Gaston Bachelard, Jean Burgos, Simone Vierre e de muitos outros críticos da linguagem simbólica que revelam o valor expressivo de «uma hermenêutica das imagens, dos símbolos, do sagrado e dos mitos no imaginário das culturas» (Araújo; Baptista, 2003a: 13), tentaremos demonstrar, no decorrer deste trabalho que o discurso mítico e a

sua simbologia são: «a forma simbólica mais elaborada e mais complexa do Imaginário» (2003a: 13), podendo ser estudado em vários domínios.

Tomando emprestada a deliciosa metáfora de Umberto Eco (1994: 55), que caracteriza o texto literário como «uma máquina preguiçosa», que invoca a participação cooperativa do leitor, parece-nos justo asserir, desde já, que tanto *A Ilha do Chifre de Ouro* como *Harry Potter e a Pedra Filosofal* realizam a homeostase do sistema literário, na medida em que confirmam códigos de outros textos numa leitura plural, que permite o verdadeiro sentido da literacia enquanto uso de competências próprias do leitor *obreiro* e que nossa será a tarefa de demonstrá-lo.